

A BARBA DO ALFERES

LEOZÍTOR FLORO

Cel QOR PMMG

Resumo: *Tendo em vista errôneas interpretações sobre o fato de o Alferes Joaquim José da Silva Xavier ter sido agora retratado sem barba, inclusive por se acreditar que, no século XVIII aos militares era vedado o uso de barba, procura esclarecer o assunto. Mostra que, no século XVIII, entre as pessoas de expressão social não era costume usar barba. A imagem mais conhecida de Tiradentes foi feita tendo como protótipo a do homem do século XIX, quando não se adotava o costume de escanhoar o rosto, adulterando-se, assim, a realidade da história.*

Durante as comemorações do Bicentenário da morte de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, a Polícia Militar de Minas Gerais empenhou-se em apresentar a figura do herói mais consuetânea com a realidade histórica, erigindo-lhe, inclusive, um busto do Alferes fardado, completamente escanhoado.

As reportagens a respeito induziram muita gente a pensar que somente agora se descobriu o engano, o que não é verdade. Enganam-se, sim, os que dizem que Tiradentes não usava barba porque se era Alferes, como se no século XVIII isso fosse proibido aos militares. Somente o argumento de que se encontraram na prisão, onde o herói permaneceu três anos, duas navalhas e um espelho, não é prova suficiente. Para que os historiadores fizessem a afirmativa, tiveram que analisar outros elementos comprobatórios. Foi o que fez o saudoso Augusto de Lima Júnior.

Numa sociedade avessa à leitura e despreocupada com a História, é perfeitamente compreensível a celeuma que as entrevistas provocaram.

Os historiadores pesquisaram, escreveram e falaram sobre a barba de Tiradentes muito antes do Bicentenário da morte do Protomártir da Independência.

dência. Augusto de Lima Júnior, Herculano Matias, Waldemar de Almeida Barbosa e Miguel Santos são, talvez, os que mais se destacaram.

Baseado, pois, nos trabalhos que fizeram e em nossas próprias pesquisas, feitas ao longo dos anos e dentro daquilo que nossa inteligência nos permitiu interpretar, apresentamos aos leitores de *O Alferes* um resumo sobre o assunto.

Na época em que Tiradentes viveu, no século XVIII, os brasileiros e portugueses eram influenciados pelos costumes anglo-franceses. Quanto à vestimenta e à apresentação pessoal, a moda era à Luís XV. Nenhum nobre ou *homem bom* usava barba; trajava-se impecavelmente, e os homens eram relativamente vaidosos. Cabelos em desalinho e barba, nem pensar. Somente os mendigos - que eram poucos em relação aos dias de hoje - não se escanhoavam, por falta de recursos financeiros. Tiradentes não era mendigo. Pertencia à classe privilegiada e, como oficial do Regimento de Cavalaria, gozava de um invejável conceito na sociedade. Por conseguinte, não usava barba. Não porque o regulamento proibisse, pois não havia nenhuma norma proibitiva. Tiradentes não a usava porque assim ditava o costume.

Outra grande tolice é dizer que a barba de Tiradentes cresceu na prisão. É preciso conhecer as leis daqueles tempos para não incorrer no erro. As leis portuguesas proibiam aos presos (agora sim; trata-se de proibição) - civis e militares - usarem barbas e cabelos na cabeça, "para evitar as infestações das muquiranas"(piolhos). Para isso havia barbeiros pagos pelos cofres públicos. No caso dos *inconfidentes*, reclusos na Ilha das Cobras, o barbeiro pertencia à Casa da Misericórdia.

Quanto a Tiradentes, o barbeiro só tinha trabalho com o cabelo da cabeça; a barba, ele mesmo a fazia diariamente. Juntado aos Autos de Devassa, encontra-se o auto de apreensão dos objetos deixados na prisão pelo Alferes Xavier, entre os quais duas navalhas e um pequeno espelho, de que agora muito se fala, não obstante Augusto de Lima Júnior, que morreu há algum tempo, há muito já se ter manifestado sobre o assunto.

À guisa de curiosidade, a infestação das *muquiranas* causava tanto horror que, ainda hoje, quem visitar o Palácio de Queluz, em Portugal, encontrará um guia dizendo que a Rainha Maria I ficara doida, com cabelos longos, sujos e cheios de piolhos. O piolho era, de fato, uma grande preocupação das autoridades e do povo que nos precederam.

Qual, então, a razão das longas barbas com que se retratava o herói? A resposta é simples. Se no século XVIII não se usava barba, no seguinte, em 1888, quando se pintou, pela primeira vez, a figura de Tiradentes, as autoridades ostentavam cuidadosas e respeitáveis barbas, a começar pelo Imperador Dom Pedro II. Seguiram-lhe o exemplo Caxias, Tamandaré, Rio Branco, José do Patrocínio, Conselheiro Lafaiete, Marquês do Paranaguá, Conde de Porto Alegre, General Osório, Almirante Barroso e tantos outros.

De acordo com Augusto de Lima Júnior, foi Quintino Bocaiúva quem procurou o artista italiano, ângelo Agostini, para pintar Tiradentes, uma vez que os republicanos precisavam mostrar ao movimento aquele que deu a vida em nome da República. Agostini nunca ouvira falar de Tiradentes, mas aceitou a missão. Como para ser ídolo e respeitado era necessário barba, para se enquadrar no contexto do final do século XIX, o pintor tomou um quadro de Jesus Cristo, pintado por Van Dick, colocou-o à sua frente e o reproduziu, acrescentando a corda no pescoço.

Tiradentes foi apresentado ao público com barba crescida e longa cabeleira, à semelhança de Cristo. Não sabia o pintor que no dia 21 de abril de 1792, antes das 8 horas, o Protomártir da Independência, que já estava barbeado, teve a cabeça novamente raspada, antes de se lhe vestir a alva de condenado. E assim subiu ao patíbulo para ser enforcado, o que se consumou.

Mais tarde, já no período republicano, o artista Cestari esculpiu uma estátua na praça principal de Ouro Preto, em homenagem a Tiradentes. Teve como modelo o quadro de Ângelo Agostini, razão pela qual novamente o herói foi apresentado cabeludo e barbudo.

Muitas outras obras apareceram, sempre com um Tiradentes barbado e de longos cabelos na cabeça, inclusive a do pintor Alberto Delpino, concluída em 1902. A que se encontra na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, feita pelo artista Francisco de Andrade, não ficou diferente.

O interessante em mostrar um Tiradentes real, sem barba e sem longas cabeleira apareceu durante os trabalhos para a publicação, pela primeira vez, dos Autos de Devassa, por iniciativa do Ministro da Educação e Saúde, o mineiro Gustavo Capanema. A Biblioteca Nacional, dirigida pelo historiador Rodolfo Garcia, incumbiu-se da tarefa, iniciando-a em 1936 e terminando em 1938.

Dez anos depois, em 1948, o então Deputado Federal Jonas Correia, atendendo a solicitação dos historiadores participantes dos trabalhos de Capanema, entre os quais Augusto de Lima Júnior, apresentou um projeto de lei com a finalidade de corrigir o erro e apresentar Tiradentes como ele realmente era.

"Lembro-me de haver posto ênfase na recomendação de ser apresentada a figura física do admirado herói revestida da sua idumentária de Alferes, de acordo com um retrato que foi executado com a maior seriedade, numa combinação muito cuidadosa do material informativo em que era possível o pintor se louvar e confiar" (Entrevista ao Jornal "O Globo", anos depois, em 14 de agosto de 1972).

O pintor a que o ex-Deputado se referia era o artista José Washt Rodrigues, cujo quadro a óleo se encontra no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, mostrando o Tiradentes fardado de Alferes do Regimento de Cavalaria de Minas. Só não dizemos que a obra ficou perfeita porque o artista

colocou duas dragonas no uniforme do Alferes, quando na realidade só usava uma no ombro esquerdo. Isso não tira, porém, o mérito do trabalho.

O movimento de grande amplitude, todavia, foi o realizado pelo Coronel Rubens Massena, quando era Diretor da *Revista de Engenharia Militar*.

Em 1963, no dia 21 de abril, o Coronel Massena apresentou, em Ouro Preto, pela primeira vez no Brasil, um mascote fardado de Alferes, cuja confecção do uniforme teve como modelo a obra de Washt Rodrigues. O garoto, Rubens Massena Filho, com apenas 4 anos de idade, conduzindo um estandarte com os dizeres "*O Tiradentes era assim*", desfilou em um acarreta do Corpo de Bombeiros da PMMG.

Repetiu-se a apresentação em 21 de abril de 1964, no Rio de Janeiro, com uma efígie de Tiradentes em uniforme de oficial do R.R.C.M..

No ano de 1965, o incansável Cel. Rubens Massena, novamente, fez semelhante apresentação. Contou com a participação de um artista da Associação do Teatro Amador que, em um *jeep* do exército, desfilou fardado de Alferes, pelas ruas da Cidade Maravilhosa.

Como conseqüência do movimento feito pelo então Diretor da *Revista de Engenharia Militar*, Cel. Rubens Massena, e dos argumentos dos historiadores, o ex-Governador José de Magalhães Pinto baixou o Decreto nº 9.200, de dezembro de 1965, que dispunha:

(...)

"Considerando que a Lei Federal nº 4.879, de 09/12/1965, erigiu o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Patrono Cívico da Nação Brasileira;

Considerando que a referida Lei vem ao encontro das aspirações do povo mineiro, correspondendo ao julgamento da História quanto à pessoa e às atividades do Protomártir da Independência Nacional;

Decreta:

Art. 1º - Fica determinada a obrigatoriedade da colocação, em recinto nobre, da efígie do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, em todos os estabelecimentos de ensino, repartições públicas e unidades da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

Art 2º (...)

Art 3º (...)

Pelo decreto do Executivo Mineiro, Tiradentes seria apresentado sem barba e fardado de Alferes.

O Brasil, naquela época, passava por um período de grande perturbação. A Contra-Revolução de 31 de março do ano anterior, tentando fazer reformas dentro dos princípios e dos valores democráticos, não conseguia livrar-se dos subversivos e dos terroristas que queriam retomar o poder de uma forma ou de outra. Se necessário, até com a desmoralização da Pátria.

Aproveitaram, pois, a nova imagem de Tiradentes escanhoado e

quiseram ridicularizá-lo e denegrir o Brasil.

Castelo Branco, então Presidente da República, resolveu baixar o Decreto nº 58.168, de 11 de abril de 1966, que, em seu artigo primeiro, determinou:

"É adotada como modelo para reprodução da efígie de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Patrono Cívico da Nação Brasileira, a estátua do Protomártir da Independência, erigida em sua memória defronte à antiga Câmara dos Deputados, na Cidade do Rio de Janeiro."

A estátua a que o artigo se refere é aquela feita pelo artista Francisco de Andrade, de camisolão, barba e cabelos longos. Portanto, a tentativa do ex-governador de Minas de corrigir a tradição na memória do povo, através de decreto, ficou sem efeito, uma vez que a lei federal está acima da estadual. E o Alferes continuou com barba.

Dez anos depois, o Presidente da República, General Ernesto Geisel, seguindo sua política de abertura democrática, baixou um decreto que deixava a iniciativa da reprodução da efígie de Tiradentes, como ou sem barba, a critério dos estudiosos, artistas e historiadores. Conseqüentemente, facilitou novamente aos historiadores mostrar o engano histórico.

A iniciativa agora coube à Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. No Comando do Coronel Euro Magalhães, constituiu-se uma comissão de alto nível, em janeiro de 1992, para discutir o Programa Comemorativo do Bicentenário da Morte do Herói e dar parecer sobre a efígie de Tiradentes. Além de alguns eruditos, vários historiadores dela fizeram parte, o que facilitou muito os trabalhos, dos quais saiu um Tiradentes fardado, coberto, sem barba, um verdadeiro exemplo para aqueles que desejam ingressar na carreira policial militar por vocação profissional, e não pelo mero desejo de obter emprego.

Recapitulando: a barba, no século XVIII, não existia. Na segunda metade do Século XIX, ela era sinal de nobreza e de caráter. Nas décadas de cinquenta e sessenta de nosso século, a barba se tornou símbolo de radicalismo e de contestação.

Hoje não sabemos o que ela significa. Todavia, concordamos com que disse Jaime Soares da Cruz:

"Se as barbas que o homem usa são sinal de erudição, um bode de Siracusa pode julgar-se Platão".

Abstract: The Alferes's Beard. *Considering wrong interpretations of the fact that the Alferes (Second Lieutenant) Joaquim José da Silva Xavier has appeared beardless in recent portraits, resulting from the wrong belief that the military were not allowed to wear a beard in the 18th century, the author of this paper tries to elucidate the matter. He demonstrates that people of higher social ranks did*

not wear a beard in the 18th century. The best know image of Tiradentes was made on the model of a man from the 19th century, when shaving was not a habit, thus distorting historical truth.